

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PRÓPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE SETEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 6

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$00 SEMESTRE... \$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

VIAÇÃO COMPLEMENTAR DOS CAMINHOS DE FERRO

QUANDO se começou a desenvolver entre nós o automobilismo, toda a gente pensou, que a hedionda e carunchosa diligencia, ia desaparecer para dar lugar ao caminhão-automovel com o que muito teria a lucrar o turismo em Portugal. Puro engano, continuamos na mesma.

Esse enthusiasmo abrandou, e até, se não estamos em erro, houve em tempos um grupo de capitalistas que quiz organizar uma companhia para a exploração de carreiras de automoveis, por esse paiz fóra; mas os seus promotores não estavam porém dispostos a dar seguimento ao caminho de ferro, como era para desejar, mas pensaram logo fazer-lhe mal e d'ahi a marcar carreiras pelas estradas paralelas as linhas ferreas no intuito, infantil, de lhe tirar a concorrência. Redundou é claro, tão mirabolante projecto para o rol do esquecimento, como era de esperar.

Varias tentativas tem aparecido sem que elas tenham vingado, e os poucos serviços que restam não passam de umas singulares carreiras, a que sempre falta conforto e rigor de tabela de horario.

Bem sabemos, que uma das principais causas é a dificuldade da reparação dos automoveis nas terras da provincia, onde nem sempre ha os aparelhos necessarios para a prompta execução de um reparo; mas se esta gente que possui automoveis tratassem de estabelecer uma officina, para todos, com pessoal competente, a economia para a sua industria seria consideravel.

Depois, á parte umas pequenas ex-

cepções, a competencia dos conductores de automoveis, é coisa nula, mal sabem guiar o vehiculo quanto mais fazer-lhes uma reparação accidental.

A nossa rede de caminhos de ferro, é, como toda a gente sabe, cheia de aleijões, parece que ela foi lançada para se afastar das terras importantes e para fugir ás regiões productivas.

D'ahi portanto, a necessidade de um complemento de transporte para as localidades afastadas, e para as regiões onde ainda não chegou, nem chegará tão cedo, o caminho de ferro.

Mas se a industria automobilista em Portugal, se não limitasse a automoveis de prazer, esses dois males seriam suavizados e o turismo estava já n'um degrau mais elevado.

Quem é que se aventura a fazer uma viagem, por todos os motivos recomendada, de Thomar a Leiria, e á Batalha? Quem é que consegue vencer a distancia que vae de Fafe a Vila Pouca de Aguiar, ponto de ligação das provincias do Minho e Traz-os-Montes, sem um confrangimento e sem chegar ao destino com os ossos feitos n'um feixe? Ninguem.

No primeiro caso tem o viajante que alugar um automovel que custa os olhos da cara e no segundo sugeitar-se a uma diligencia a desfazer-se, com um cocheiro, a beber em todas as tabernas.

Por todo esse paiz, é ainda a diligencia, ou por melhor, umas ruinas de diligencias, como muito bem lhe chamou o sr. Mendonça e Costa, que hoje é quem faz a condução dos passageiros entre as estações do caminho de ferro e as localidades.

E que martirio, nos espera, ao apaar-

nos de uma confortavel 1.ª classe e vemos essas hediondas carripanas, com umas lazarentas alimarias, a dar-lhe uma dificultosa tracção, para nós levar a terras ás vezes distanciadas por muitas dezenas de kilometros.

Depois os alquiladores, fazem d'esses vehiculos, um comboio de mercadorias, com passageiros á mistura.

Aos pés de nós, põem eles, com a maior semcerimonia, as malas de correio, os volumes de recovagem, as canastras de peixe, etc. E quando chove é que são elas, a chuva entra por todos os lados e o vento faz d'esses vehiculos um barco sabino, que muitas vezes quer mergulhar pela ribanceira abaixo.

Seria muito para louvar que, a Direcção Geral dos Correios, ao fazer o contracto da condução das malas obrigasse o alquilador a fazer o serviço com um carro capaz, onde os passageiros tivessem um bocado de conforto; mas, triste é dizer-lo, o alquilador é obrigado a transportar as malas do correio a tempo e a horas, e ao abrigo da chuva.

O passageiro é coisa secundaria. Tambem seria de grande utilidade para o turismo que as camaras municipais, procurassem desenvolver a serviço de transportes em automoveis, concedendo facilidades, aos seus proprietarios e dando até, se possivel fosse, e que nos parece que é, um premio para taes serviços, pois muito teria com isso a lucrar o seu municipio.

E os caminhos de ferro, tambem, a nosso ver, poderiam auxiliar as carreiras de automoveis, concedendo-lhes, facilidades, como fosse o transporte gratuito dos objectos de reparação e transportar a pequenas distancias, os proprios automoveis á officina reparatoria etc., etc., pois que no seu desenvolvimento estão tambem ligados, e fortemente os seus interesses.

GUERRA MAIO,

A AVENIDA DA LIBERDADE

QUEM ha em Portugal que não conheça a Avenida da Liberdade, em Lisboa?

Realmente pouquíssimos portugueses não se terão, ainda, dado ao luxo de n'ella passearem, de gozarem as suas bellezas ou de, simplesmente, terem passado por essa conhecida e aristocratica arteria da Capital.

A Avenida da Liberdade acha-se já inscripta na Historia luzitana por muitos e differentes motivos, sendo o ultimo e mais recente, o que nota-

Reis, Príncipes no sangue, nas artes, nas sciencias e nas letras; banqueiros, homens de negocio e simples vendilhões, todos enfim, tem pisado os seus largos passeios, gozado a frescura do seu frondoso arvoredo ou admirado a elegancia e architectura dos seus palacios.

Estão ainda bem memoraveis os luzidos cortejos que por ella desfilaram, taes como os dos centenarios de Vasco da Gama e de Camões, os das visitas dos Reis de Inglaterra, do Imperador da Allemanha e do Presi-

dente Loubet; as vistosas e artisticas illuminações alli realisadas.

Os mais importantes factos dos ultimos annos n'ela tiveram directa repercursão.

Por alli tem deslizado, desde as bronzadas e antigas traquitanas, conduzindo a fina flôr ou aristocracia lisboeta, em delizioso passeio ou para

UM TRECHO DA AVENIDA

os tambem memoraveis serões nas Larangeiras, ás ricas e luxuosas carruagens e aos velozes autos. Do pezado *Larmanjat*, essa monstruosa deligencia que até ha 20 annos fazia as carreiras para Bemfica, e dos cavalleiros á antiga Portuguezia, ao velho carro volante da companhia *Riperts* e d'ahi ao moderno cavalleiro de calção á *chantilly*, montando á ingleza, e ao rapido e commodo electrico, que hoje em dia a circunda em todos os sentidos.

Os seus bancos tem servido a muitos corpos de variadas formas e feitos differentes—emoldurados em elegantes, excentricas e exoticas *toilettes*, como simples e momentaneo repouso; de agradável descanso, aos que os procuram no desejo de gozarem as brizas frescas de verão e a fagueira amenidade das tardes primaveraes, aromatizadas pelas flores das arvores; de dura e desconfortavel cama aos que não tendo, muitas vezes, onde dormir, se valem d'esse economico e hygienico recurso para pas-

sarem uns instantes de somnolencia; e, ainda, de confidente, aos desesperados e vencidos da vida, que n'um desalento, com a alma regelada por multiplas e successivas intempéries d'este mundo, a elles se vão encostar, desanimados por completo, n'uma estenuada absorção de forças e rememberingo os seus pezares e as preocupações do atribulado espirito, na esperanza ainda d'um allivio ou d'uma inspiração no refrigerio consolador da brisa que perpassa.

Otras tem sido, tambem, as serventias d'esses já memoraveis bancos, algumas até muito interessantes. Assim, a sua utilidade tem-se prestado á combinaçãõ d'altos problemas sociais e politicos; á troca de impressões sobre importantes negocios commerciaes; á conjugação de idéas para grandes emprehendimentos industriaes; á simples palestra; á critica mordaz e, n'uma grande parte das vezes, ao ingente habito de se ouvir a musica aos domingos, mesmo onde ella se não faça sentir...

Tem, igualmente, sido uteis aos solteiros e casados, para os idyllios amorosos; e não é raro—antes até muito natural e constante—ver-se, principalmente nas noites estivaes, caçalinhos recostados nos que ficam mais a coberto dos phocos da electricidade e ao abrigo da sombra da verdejante folhagem das arvores, em excitantes e enternecedores arrulhos...

Desde os immemoriaveis tempos do saudoso Passeio Publico, então defendido por um gradeamento de ferro (como ainda hoje tem o Passeio da Estrella) onde os elegantes expandiam os caprichos da moda, essa ampla arteria de Lisboa conseguiu obter uma certa notoriedade, até no Estrangeiro, onde não é muito facil encontrar-se uma semelhante avenida, principalmente pela sua largura e cumprimento. E é alli, n'essa por vezes poetica mansão, que muitos seres viventes tem gozado com intima alegria momentos de verdadeiro despreendimento, de completo socego d'alma e de espirito e de relativo bem estar; e outros...

A Avenida é já, hoje, uma instituição nacional. E mal diria o seu fundador—o Marquez de Pombal—que a sua obra havia de mais tarde ter uma tão grande consagração, deixando no olvido o nome d'esse importante vulto que se notabilizou, não por esse facto, mas pelo realce e pela situação de destaque que teve na vida portugueza, como o attesta a historia no reinado de D. José, esse agitado periodo decorrido desde 1750 a 1777.

A hoje Avenida da Liberdade nasceu da transformação do Passeio Pu-



bilisou uma das suas partes — a Rotunda — pelo 5 d'Outubro de 1910. Foi ahí que um punhado de portuguezes implantou a Republica, n'essa memoravel jornada. Esse facto consagrou-a de forma a ter um especial registo na Historia.

No meio da grande circumferencia em que ella termina e no sitio destinado para a collocação da estatua monumento que deverá perpétuar a memoria do Marquez de Pombal, ergue-se uma lembrança simples e provisória d'aquelle facto.

A Avenida da Liberdade, pela sua situação muito central e pela grandiosidade do seu aspecto, foi sempre o passeio preferido pelo alfacinha; sendo, em todos os tempos, um ponto de reunião da sociedade elegante. Sobre os seus empedrados e á sombra das numerosas olayas que a orlam symmetricamente, tem passado tudo quanto de mais illustre, distincto e notavel tem contado a sociedade Portugueza; e não só esses, mas, tambem, muitos vultos de relevo no mundo estrangeiro e até o mais burquez filho d'este bom Paiz. Rainhas,

blico; e este foi idealizado por esse grande portuguez, que se chamou Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Marquês de Pombal, adequando uma das hortas que então existiam ao cimo do Rocio e chamada da *Mancebia* em alameda, cujo inicio marcou o primeiro passo para essa comprida e alegre arteria que separa, por assim dizer, a parte occidental da oriental da Cidade.

Segundo se deprehe de das leituras descriptivas d'essa época, a idéa do Marquês de Pombal, ao realisar esse empreendimento, foi prodigalizar ao lisboeta um passeio citadino onde pudesse espalhar nas horas de ocio; dotando, ao mesmo tempo, a cidade com mais um melhoramento então de relativa importancia.

O movimento que actualmente por ella se faz, é muito interessante e marca diferentes periodos do dia. Assim, de madrugada, serve de caminho aos carros de bois, repletos de hortaliças e legumes para abastecimento dos mercados publicos; a seguir e logo que rompem os primeiros alvôres da manhã, são os passarinhos, acolhidos na ramagem das arvores, que experimentam o gorgoio n'uma entoação radioza, animando os distribuidores do leite e do pão que por allí transitam e se cruzam n'uma pressurosa ancia de fornecerem a tempo os respectivos freguezes. Depois atravessam-n'a os vendilhões, de peixe, hortaliças, fructas, etc. Approxima-se, então, a hora da passagem dos estudantes, em direcção aos lyceus e collegios, e dos empregados, commerciantes e industriaes, a pé, de carruagem ou em automoveis—os mais felizes—com rumo aos seus diferentes affazeres.

E' o buliço que se nota das 9 até ás 11 e meia da manhã, augmentado, ainda, pelo rodar de um ou outro *tonneau*, guiado por qualquer gentil dama que, depois da missa, recolha a casa ou por allí siga em passeio.

Ha um intervallo, durante o qual, apenas, uma ou outra pessoa por ella faz o seu caminho, ou em que um pregão, inspirado e muitas vezes harmonioso, se faz ouvir, indicando a venda de copos e garrafas *abat-jours* ou de cautellas.

Segue-se o movimento da tarde que lhe imprime um novo aspecto; e dadas as quatro horas, ella apparece-nos como um grande e aristocratico corredor, servindo de passagem aos ricos brazileiros que habitam nos bairros recentemente construidos, ás senhoras estrangeiras e *miss* conduzindo chilreantes creanças e, ainda, ás elegantes alfacinhas, ostentando *toilettes* dos ultimos modelos,

em direcção á Baixa, para fazerem as suas compras, as suas visitas ou, simplesmente, tomarem o chasinho confortante e do tom em qualquer confeitaria *chic*, volvendo em demanda das suas residencias, n'uma—por vezes—animada conversa.

D'ahi até as 10 horas da noite, o ambiente da Avenida é estonteante e algo exquisito, denunciando um mixto de perfumes evolado dos passeiantes da tarde e dos transeuntes que depois de jantar se dirigem aos theatros.

Um socego quasi completo se pronuncia então, aproveitado pelo arvoredo que troca entre si impressões do que esteve gozando durante o dia e a tarde. Mas pouco duradouro elle é, porque, a brève trecho, o ruido dos automoveis e carruagens, conduzindo as pessoas que regressam dos theatros, dão, outra vez, uma enorme animação a esse passeio.

Momentos depois, a Avenida cae, no socego nocturno, entrecortado pelo barulho do automovel d'um retardatorio ou pelo silvo das locomotivas na estação do Rocio, até que no outro dia é despertada pela mesma vida buliçosa e movimentada que lhe deu sêr e a acalenta, que a suja e a empoeira, que a distingue e a torna apetecida.

Durante o seu maior socego, a altas horas da noite, a Avenida tem, ainda, os seus encantos e alguma cousa de interessante: É quando, apenas, a sua iluminação indica o caminho dos que, perturbados pelos efeitos alcoolicos, por ella passam. Encontram-se, por vezes, allí os chamados caturristas, synonymo de notivago, a quem o tempo do café ou do club não foi sufficiente para a

discussão ou apreciação de qualquer facto. E uma ou outra vez encontra-se um grupo ou dois simples mortaes, avantajados pelas sombras da noite, em renhida cavaqueira sem interesse ou base solida e que nem sempre acaba em paz. E' esta, igualmente, um dos caracteristicos do sangue lisboeta.

Outro tempo, a Avenida tambem se assignalou por ataques ás pessoas que por ella transitavam a deshoras, principalmente na parte mais isolada; mas hoje é rarissimo um semelhante caso, devido não só ao seu cuidado policiamento, mas a que é agora pouco propicio campo de manobras para salteadores, por haver sempre movimento.

Ao domingo opera-se n'ella uma completa mudança de scenario. Uma quasi solidão a deixa tranquilla nas primeiras horas do dia, para, á tarde, ser substituida por um agglomerado de pessoas de todas as castas sociaes, a pé e em carros, pavoneando as suas elegancias, até que o sol escondendo-se por detraz das montanhas que se levantam ao Poente, a deixa entregue sómente aos brilhos da electricidade.

Se é tarde em que ha tourada no Campo Pequeno, o movimento atinge então o seu auge, circundando principalmente o coreto a ouvir a musica enquanto não chega a romaria; e desde o cyclista ao elegante «Roll-Roys» ou ao luxuoso «Metallurgique» incluindo as carruagens de todas as formas e feitios, conduzindo os diversos representantes da sociedade portugueza, ricos e pobres dão á rua central o aspecto mais interessante e querido da Cidade.



O ANTIGO PASSEIO PUBLICO

Depois, tudo volta ao ram-ram habitual.

.....
 Ao sahir-se d'alli, na direcção do sul, chega-se á Praça dos Restauradores, onde se admira esse altaneiro obelisco erguido como guia aos vindouros. Elle symbolisa uma parte das glorias d'este aguerrido e heroico povo, perpetuando a memoria dos

Restaurações de 1640, epopeia commemorada todos os annos, pelo 1.º de Dezembro.

E' ahi que começa essa grande obra a que Roza Araujo deu uma grande parte da sua energia, conseguindo transformar o antigo Passeio Publico na hoje Avenida da Liberdade.

JOSÉ LISBOA.

A "CASA PORTUGUEZA,"

NA PENULTIMA EXPOSIÇÃO
 DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

II

PROSEGUINDO na ordem de ideias expendidas no numero passado, apresentamos hoje aos nossos leitores, a reprodução em photo-gravura de outro dos trabalhos do illustre artista, sr. Edmundo Tavares, que figuraram na penultima Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, devendo desde já declarar que o nosso artigo passado sahio com alguns erros, em consequencia de, por estar ausente não poder ter revisto as provas, quer de granel, quer de pagina.

Os mais salientes são: onde diz: vasos para *flôres*, que deve ser: vasos para *flôres*. N'outro lado sahio *germinadas* em vez de *geminadas*; Bem

sabem, em vez de: Bem sabemos; *nos abstenham* em logar de nos abstermos, etc.

Fica assim varrida a nossa testada, não culpando ninguém do facto, porque, em verdade, a nossa caligraphia não é um primôr, e por isso acessivel a toda a gente que a queira decifrar.

Mas, o exordio já vae longo e temos de dizer cousas a respeito de mais este trabalho do sr. Edmundo Tavares, embora tivéssemos feito o proposito de, pelo menos este mez, não escrevermos sequer uma linha em *linguado* algum.

Dizem que o habito é uma segunda

natureza, e nós diremos tambem: *um vicio*, e, embora tentemos fugir-lhe, lá vamos cahir n'ele, *porque o que tem de ser*, segundo dizem, *tem muita força*.

Como se vê pela perspectiva que publicamos, a bonita casa que reproduzimos, tem algo de estilisação tradicionalista. As suas elegantes janelas geminadas e triplas. A sua porta alpendrada, são bem typicas e interessantes.

Outra parte caracteristica da projectada vivenda é a escada exterior, começando na fachada principal e contornando para a lateral, onde tem a porta principal de acesso ao interior.

Como acima dissimos, essa porta, tem um alpendre suportado por dois columnelos, formando no patamar uma varanda para o exterior, suportada por dois cachorros.

Como se vê nas gravuras, especialmente na do detalhe, a varanda da janela tripla é suportada tambem por quatro cachorros.

O edificio compõe-se de dois pavimentos: a cave, com bastante pé direito e claridade, fornecida pela janela que se vê sob a varanda da janela tripla e outras, sendo a escada interior.

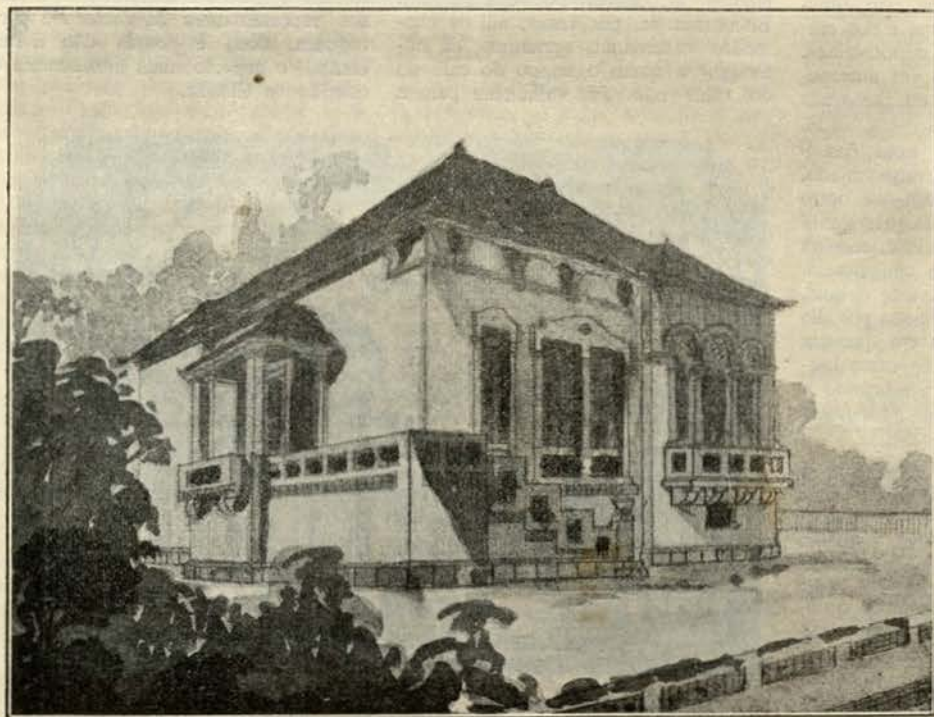
E' uma vivenda relativamente modesta, para pouca familia, mas, comportando todas as comodidades que exigem a vida moderna, pois que, o facto de se projectar uma casa cujo aspecto exterior seja tradicionalista, não quer dizer que se ha de seguir tambem a orientação da divisão interior

antiquada, que, em geral, pecava por má distribuição, dando preferencia ás grandes peças, em detrimento das mais pequenas, ás vezes as mais indispensaveis.

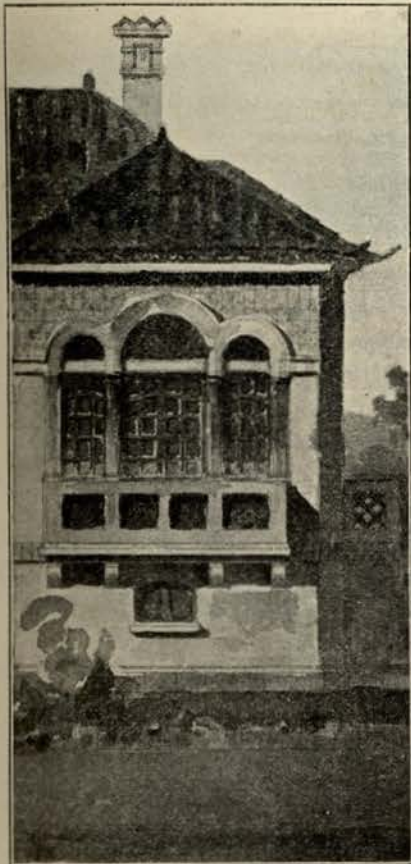
O architecto moderno deve conceber primeiro a planta e sobre esta decalcar as fachadas e não subordinar aquelas a estas, procurando dar a maxima luz a todas as dependencias, por que a luz e o ar, são os principaes factores da hygiene moderna.

Entrando a luz a grandes jôrros e o ar em abundancia, está assegurada a alegria da casa e a saude dos seus moradores.

Como temos demonstrado, por escripto e com as gravuras que temos inserido, pôde fazer-se a *casa portuguesa* com todas as



condições internas modernas, e com as suas fachadas bem mais interessantes e bonitas, do que os modelos estrangeiros, especialmente os francezes, que vêm aplicados a êsmo, quer nas cidades, quer no campo, onde mais se devia ter o cuidado de seguir outra orien-



DETALHE DA FACHADA PRINCIPAL

tação mais em harmonia com as condições da região:

Não dos cançaremos, pois, de pugnar por que se nacionalise a habitação em Portugal, o que é relativamente fácil, pois apenas depende de haver quem tenha talento e bom gosto artístico, o que, felizmente, não falta, como já está demonstrado pelos já numerosos edifícios de estilização tradicionalista ultimamente erigidos em diferentes pontos do paiz.

SERALOCSENUN.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança das assignaturas do 1.º semestre, e por isso rogamos ás pessoas que se dignaram aceitar a nossa revista, satisfaçam a sua importancia para nos evitar trabalho e despesas.

FESTAS E TRADIÇÕES

A DESFOLHADA

FIEL aos intuitos com que foi fundada, a nossa revista occupa-se hoje de uma das festas tradicionaes aldeães, mais características e involvidaveis para quem, embora uma só vez, possa presenciar-a—*a desfolhada*.

A *desfolhada* é, como a *espadelada*, para o rude camponio minhoto, um verdadeiro serviço de festa e de folia; e é também, d'entre os seus mais encantadores e característicos costumes, aquele que mais tem de genuinamente minhoto.

No meio de um campo vasto, cujas bordas orladas de arvores altas, fortes e sadias, se perdem no fundo acinzentado da noite clara, em torno das grandes rimas do milho ceifado n'aquella dia todo, algumas dezenas de mulheres novas, robustas e alegres, despem desembaraçadas e ligeiras, as espigas loiras, do seu involucro de folhas tenuissimas, setineas e delicadas na sua parte interna, junto do grão, e tanto mais fortes e resistentes quanto formam as partes mais externas da espiga, as partes que protegem o fructo contra as inclemencias das chuvas prolongadas ou das soalheiras excessivas, das granizeiras, das ventanias, etc.

As moças ostentam, nas *desfolhadas*, os seus melhores trages domingueiros, trazem sobre as camisas ricas de linho da terra, ornadas de vistosos entremeios de *crochet*, os seus mais flamantes e garridos lenços *maiatos*, vermelhos ou cõr de laranja, com fartas ramagens, verdes, amarelas, azues e cõr de rosa, enlançando-lhes graciosamente o colo e as espaduas e caíndo-lhes em pontas fartas, terminadas em longos frocos torcidos, sobre os quadris airosos, apesar das trinadias largas dos aventaes de chita com barras de veludo.

Na cabeça, sobre os cabelos abundantes e bem alisados, entoucam de um modo bizarro e perfeitamente característico, uns outros lenços também berrantes de cõres vivas e opulentos de ramagens garridamente matisadas.

Trabalham cantando em cõros cheios e longos, de finaes prolongados como vozes de orgãos e estridulos como silvos de locomotivas.

E os moços veem endomingados também, com os seus sapatos brancos de vitela grossa, as suas calças *novas* de casimira barata, os seus *justilhos* ornados de botões brancos de madreperola, que não apertam nunca, deixando ver os peitilhos das camisas de linho; sobre os hombros, mas não vestidas, em natural abandono, as jaquetas ou «quinzenas» ricas de astrakan, com alamares de retroz ou formados por pequenas moedas de prata furadas.

Trazem largos chapéus de feltro cõr de doninha ou de flõr de alecrim, gaiatamente inclinados sobre a orelha esquerda; atrás da orelha direita pende um cravo encarnado e vivo.

Arrumados á inseparavel *racha* de marmeiro seguro, que dobra de ponta em ponta, jogam ás raparigas a sua melhor *piada* amorosa, em *fala mudada*, n'um falsete esganiçado que irrita os nervos; ou então, desfazendo-se da vara, do chapéu e da jaqueta, atam em molhos pequenos a palha já despojada das espigas e arrumam-a em cachuchos altos e esguios em torno de uma arvore despida e inutil.

De momento a momento, uma risada larga, em falsete, grita, cobre o ruído



UMA 'ESPADELADA' EM VIANA DO CASTELO

geral do alegre grupo, ou uma cantiga desgarrada, arrastada e lenta, ou vibrante e ligeira, levanta-se isolada e é logo acompanhada por todas as vozes formando um cõro enorme e bizarro.

Tudo ri, tudo brinca, tudo trabalha, e os rapazotes, *chegantes a moços*, descalços, de calças de cotim arregaçadas até ao meio da perna, em mangas de camisa, e de carapuça, conduzem para o alpendre os cestos cheios.

F. NEVES PEREIRA

ARTE E LITERATURA

O MEU AMIGO

Elle era um doído bom, um doído visionário,
Que andava quasi sempre d'olhos rasos d'agua,
E ás vezes, costumava a soluçar, com magna,
A lenda original d'un Fado extraordinario ...

Entrava na taberna assim que anoitecia,
Bebia só absinthe e nunca se fartava,
D'ahi, quem sabe lá se no absinthe achava,
Um meio de esquecer a dôr que o opprimia ...

Amava a côr do lucto e odiava a côr do ouro,
E é certo que deixou — estranho typo aquelle! —
Poemas de nevrose em que só punha Chôro ...

E eu, que desejo ser o que ninguém deseja,
Julguei-me, por venturas um doído como elle,
Que um doído já eu sou embora não no seja!

TEDIO

Anto ás vezes boçal e sinto-me incapaz
De encontrar uma rima ou produzir um verso;
Fazendo de mim mesmo a ideia de um perverso
Capaz de apunhalar alguém á luz do gaz.

Incomodar-me a Côr, o sangue do Poente
— Waterloo rubro de que o sol é Bonaparte —;
Não comprehendo, Mulher, como ainda posso amar-te,
Se tenho raiva, muita raiva a toda a gente.

Tê onde a vista alcança alargo o meu olhar,
E creio quanto existe uma nudoa escura
Que as lagrimas do Chôro hão de jámais lavar ...

Estranha concepção! abraço o mundo todo
E em cada estrella vejo a mesma lama impura,
E em cada bôcca rubra o mesmo impuro lôdo!

O MEU RISO

Bem de meus olhos, pobres olhos nunca enxutos,
Por onde corre a minha magua em brando rio.
Aonde vem pousar o teu olhar macio
Que tem o bom dulçor dos mais suaves fructos.

Quando o Coveiro, um dia, arremessar, sombrio,
O teu corpo gentil aos vermes resolutos,
Do lá, da esphera azul dos astros impollutos,
Verás então Mulher, verás como eu me rio ...

Um riso contrafeito, uma ironia á lóa ...
Linda mulher honesta e fragil como um cicio ...
Que eu não te quero a ti para noivar, perdôa!

Porque o meu labio já beijou o Podridão,
Nas alcôvas do Mal, onde germina o Vicio,
Onde a Alma é um farrapo e o Amor uma traição

CEGO ...

Eu hei de embebedar o coração um dia
E assassina-lo a rir de encontro ao peito escuro ...
Depois, cynicamente, ir pô-lo no mouturo,
Deixá-lo apodrecer ao sol e á ventania ...

Hei de cegar o olhar, despedaçar-lhe a vista,
Porque não torne a, vêr quem o despreza tanto,
Cisterna do Desgosto e Fonte do meu Pranto:
Ha de esmagar-te, sim, a minha mão d'artista ...

Não quero coração, nem mesmo quero olhar,
Mas, cego, buscarei o teu amor alçar,
— Veneno que me perde e nectar que me anima ...

E, se acaso o encontrar, Mulher robusta e nova,
Ou seja numa valla ou seja numa alcova,
Hei de calê-lo aos pés, hei de escarrar-lhe em cima!

SONETOS de JOSÉ DURO, do livro "FEL", edição
da livraria Guimarães & C.^a, de Lisboa.

PAISAGENS
PORTUGUEZAS

COIMBRA



Coimbra toda em descantes
É uma guitarra a chorar.

ANTONIO MACIEIRA

FALAR de Coimbra, é falar de poetas, falar de poetas é falar de amadores e sonhadores.

A doce rainha do Mondego, quantos poetas tem inspirado? Nem ela sabe. Quantas paginas de amor encerra dentro dos seus muros? Desconheço também.

É que em Coimbra todos são poetas, e todas as mulheres amam, por instinto, por devoção.

Ali, sob o choupal, nas noites em que o luar se espelha no Mondego, quando a guitarra ergue aos ceus o seu doce e languido trinado, tudo é amor, sonho e fantasia.

Antonio Nobre, o poeta da saudade, João de Deus, o amigo dos humildes, Guerra Junqueiro, o poeta dos simples, Augusto Gil, o encarnador da canção popular, escreveram os seus primeiros versos banhados por aquele luar dulcíssimo, como só Coimbra possui.

Eça de Queiroz, cheio de nostalgia, na sua vida de emigrado, consagrou a Coimbra, na prosa insinuante paginas repassadas de saudade.

Ultimamente Vicente Arnos, atirou para a luz da ribalta, esses quadros admiráveis, da «Coimbra terra de amores», que não são mais que reflexos de sua vida de bohemnia Coimbrã.

E quem não ha de sentir-se poeta ao atentar nos olhos cheios de romantismo da tricana, cuja beleza ce-deu logar á graciosidade.

Aquela maneira como ela põe o chale de quadradinhos, formando um bico nos calcanhars, a volúpia casta, com que nos enleia, o timbrado da sua voz com que nos comove, torna-nos captivo como se um iman estranho nos arrebatesse.

Coimbra, é talvez a cidade portugueza que en-

cerca em si, maior numero de tradições.

Desde a Rainha Santa, que transformava a esmola em rosas perfumadas, até ao Hylario, esse espirito bohemio, encarnador da sentimentalidade portugueza, quantas paginas da historia não seria preciso desfolhar?

Ao aprear-nos em Coimbra, dois passos andados, temos essa Igreja de Santa Cruz, onde a pedra de Ançã, carcomida pelo tempo, inspiro na alma popular essa deliciosa quadra:

Igreja de Santa Cruz

Toda de pedra morena.

Dentro d'ela estão á missa,

Dois olhos que me dão pena.

Mais adiante o Arco de Almedina, velho portico da cidade, em cujo topo se ergue o antigo brasão de Coimbra, um calix tendo dentro uma figura de



mulher, IGREJA DE SANTA CRUZ ladeada

por um dragão e um leão, convida-nos a passar até á Sé Velha, o mais belo monumento de estylo românico do nosso paiz, e onde

foi coroado rei, o mestre de Aviz, fundador da dynastia de tão saudosa memoria.

ARCO DE ALMEDINA



Descendo, temos a Casa de Sub-Ripas, também uma pagina da historia, e mais alem, a Casa da Torre, onde Antonio Nobre, escreveu as suas belas poesias, que nos legou n'esse admiravel livro *Sé*.

Subamos agora á Universidade, e ao entrarmos a porta ferrea, temos que nos descobrir, pois até aquelas lages, respiram a vida bohemnia Coimbrã, cuja memoria jámais se apagou, n'aquelles que a sentiram. Vamos á sala dos Capêlos, passemos á varanda, onde a vista se alonga pelo casario da cidade derramado a seus pés, e pelo Mondego, que alem corre de manso, beijando com amor as pernas das tricanas, a ouvir a ingenua paixão de algum estudante, ardendo no amor dos verdes anos.

Mas ao lado, a sombra sagrada do Jardim Botânico, convida-nos a entrar e percorrer as suas ruas e por fim a reter a atenção para essa figura bondosa



e doce, de Brotero esculpida no marmore branco, n'um reconhecimento e homenagem pela sciencia.

Mais acima, temos agora, povoado de alegres moradias suissas, esse Penedo da Saudade, onde a vista se alarga pelos olivedos sem fim, nos pequenos montados, que descem para o Mondego, em cujas margens as laranjeiras erguem ao Ceu, os seus ramos repletos de laranjas, ou de flores de noiado.

Ali, reza a tradição, que nas horas amargas do sofrimento o rei do místico amor, ia carpir as saudades da sua linda Ignez.

Para alem do Mondego, no alto da colina, estende-se o velho convento de Santa Clara, em

que repousam os restos da Rainha Santa, e onde se guarda essa precioso reliquia que Teixeira Lopes, talhou com retoques de genio, a escultura admiravel da mesma rainha, em cujo rosto, transluz uma expressão de bondade



MONUMENTO A SABTERO

de que só é digna a mulher portuguesa.

Mas ao deixarmos esse choupal de Idilicas aventuras, esse arvoredo regado pelas águas poeticas do Mondego, nos acorre dizer a Coimbra, agora emudecida, sem poetas e sem guitarras:

—Não deixeis morrer a tua tricana, para que as raças vindouras, tenham nos seus olhos meigos e amorosos, inspiração para atirar á lua, cantigas ao fado, pois é n'ele ainda que vibra a alma portuguesa.

GUERRA MAIO.

A REARBORIZAÇÃO DO PAIZ

JÁ era notavel, desde muito tempo, a intensidade com que, por esse paiz fóra, se cortavam arvores para fazer tóros que, em grande parte eram exportados, para entivação de minas.

Isso produziu até, um natural sobressalto em alguns dos que se interessam pela silvicultura, pelos bons aspectos estheticos, pela hygiene do paiz, reproduzindo-se em artigos nos jornaes, em representações ao governo, contra a despinhalização das nossas encostas e montanhas.

A obra meritória a que o genio ponderado e progressivo do grande estadista que foi o Marquez de Pombal deu grande impulso, estava-se esvaindo perdida, a largos passos, pelo espirito ganancioso dos que só tratavam dos seus interesses.

Emquanto por toda a parte — e a França dá d'isso um notavel exemplo, — se trata, de uma fórmula persistente, de povoar todas as montanhas de arvoredo que, alem de produzir, n'um futuro não longiquo, uma grande fonte de riqueza, constitue um embelesamento dos panoramas; muitas vezes uma defesa das povoações e das culturas contra as ventanias que as prejudicam, entre nós a arborização das serras tem sido abandonada por tal forma que, pode dizer-se, não temos florestas.

N'um paiz de 89 mil kilometros quadrados, contam-se pelos dedos — e dedos sobram — as matas ou tapadas que temos: a do Bussaco, os pinhaes de Villa Viçosa, Leiria e d'Azambuja, a tapada de Mafra e a diminuta da Ajuda, e não se pode dizer como o poeta «j'en passe et des meilleures».

Quem olha as nossas montanhas, a Estrela, o Gerez, o Larouco, o Marão, a Peneda, a Nogueira, a Barroza, a Gardunha, vê-as, na sua maior parte escalvadas, nuas, inúteis, como produção; desagradaveis como aspecto; insinuantes apenas, como testemunho da nossa incuria.

Por sobre essas consequencias do desleixo, na plantação e na replantação do que a necessidade industrial ia devastando, veio agora a carestia do carvão, que nos leva a valer-nos de tudo quanto pode produzir combustivel para aquecimento de machinas,

até das proprias locomotivas dos caminhos de ferro; processo muito em uso na Russia, nos Estados Unidos e não sabemos se em outros paizes, mas que até agora nunca se adoptára entre nós.

Urge, pois, que, ao mesmo tempo que, como recurso extremo, temos que aproveitar tudo que se pôde queimar para produzir calor, não descuremos o futuro que, se não se cuidar d'ele desde já, chegaremos á situação de, não tendo carvão, não termos com que produzir aquecimento e não termos madeiras para usos industriaes, nem ramada de arvores que defendam as nossas povoações da invasão das areias que os ventos do Oeste sobre elas arremeçam.

No intuito de evitar que a isso cheguemos, a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta acaba de solicitar do Governo que se faça uma propaganda persistente junto dos proprietarios e especialmente das entidades que estejam na posse de grandes baldios municipaes ou parochiaes, para que seja ampliada a area florestal e tornados uteis e productivos os terrenos que hoje se encontram esteris ou abandonados.

Pela sua parte a companhia presta-se a coadjuvar essas tentativas, já dando transporte gratuito aos agentes que o Governo entenda dever encarregar d'essa propaganda, nas regiões servidas pelas estações d'aquella companhia, e de instrumentos agricolas e sementes que, para tal fim, tenham que ser expedidos para as suas estações; já publicando uma brochura, para distribuição gratuita, constituindo um pequeno tratado de silvicultura pratica e comercial; já finalmente, instituindo premios pecuniarios anuaes aos proprietarios que n'um ano, maior area de terreno arborizarem.

A ideia é boa e seria para desejar que, no proprio interesse, se alargasse ás outras administrações ferroviarias, podendo a elas ligar-se varias colectividades mesmo particulaes, que podem ter interesse, individual ou colectivo no repovoamento florestal e silvoso do paiz; como a Sociedade de Pro-

paganda, a Associação da Agricultura, Conselho do Turismo, e outras.

Todas com tal propaganda lucram, porque lucrava todo o paiz, e até mesmo os extranhos, que a ele venham, porque aqui encontrarão a sombra, a frescura que as grandes massas de arvores fornecem; o aspecto pitoresco das encostas, cobertas de toda a enorme gama das tonificações da verdura, que tanto nos encanta ao contemplar as montanhas pyrenaicas, as vertentes alpinas e as modestas altitudes do Japão, onde, como nos principaes paizes europeus, ha todo o cuidado em vestir os montes de arvoredo abundante e variado.

(Da Gazeta dos Caminhos de Ferro)

FEIRA DA PIEDADE E TOURADAS EM SANTAREM

POR ocasião da grande feira annual chamada da Piedade, que se realisa nos dias 8 a 10 do proximo mez de outubro, efectuaem-se, como de costume, varios festejos, entre os quaes se destacam duas magnificas touradas organisadas com elementos dos de maior valor na arte do Montes.

Por esse motivo os Caminhos de Ferro Portuguezes estabelecem um serviço especial reduzido de bilhetes de ida a Santarem e volta, das suas principaes estações, validos para ida de 8 a 10 e volta até 11, pelos comboios ordinarios que fazem serviço das tres classes.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

Acaba de aparecer:

EM TEMPO DE GUERRA A VIDA MILITAR

Contos, episodios e narrativas

Compilação de ALBERTO BESSA

A venda em todas as livrarias

Preço 20 centavos (200 réis)